

*ALREDEDOR DE LA PANDEMIA
EXISTE LA CONFESIÓN DEL VIENTO:
A PAISAGEM COMO POESIA,
FILOSOFIA E TEXTO EM UMA TURMA
DE ESPANHOL*

MARIA MERCEDES RIVEIRO QUINTANS SEBOLD

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Profa. associada III do Departamento de Letras Neolatinas da Faculdade de Letras.

E-mail: m.sebold@letras.ufrj.br

MATHEUS SENA DE AZEVEDO

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduando em Letras - Português e Espanhol. E-mail: matteoazevedo@letras.ufrj.br

RESUMO

O que se compreende por uma poética da paisagem é a capacidade de um sujeito ler o que está ao seu redor a partir de sua subjetividade, trazendo para a sua leitura de mundo as suas experiências. Assim, podemos afirmar que o que se entende por subjetividade é perpassado pela noção de existência que pode ser cambiável de acordo com a experiência de cada sujeito. A (contin)unidade que existe entre o mundo-corpo-espírito pode também ser lida como subjetividade(s)-leitura do mundo e natureza-cultura. Vivendo a experiência de um mundo pandêmico, alteramos a existência deste sujeito aplicada aos diversos fatores que este novo tempo exige. Cada sujeito constrói a paisagem de acordo com o que vive. Neste trabalho, foi desenvolvida uma produção audiovisual que trazia como pano de fundo o que eles viam em seus bairros, ou seja, o que enxergavam ao seu redor durante a pandemia e o que estas paisagens transportavam como resposta de suas percepções com a fórmula musical "el viento me confió cosas que siempre llevo conmigo", frase da cantora argentina Liliana Herrero.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem; Poesia; Texto; Subjetividade; Pandemia.

RESUMEN

Lo que se comprende por una poética del paisaje es la capacidad que el sujeto tiene para leer su entorno desde de su subjetividad, aportando para su lectura de mundo sus experiencias. Así se puede afirmar que lo que se entiende por subjetividad es atravesado por la noción de existencia que puede ser cambiable según la experiencia de cada sujeto. La (contin)unidad que existe entre mundo-cuerpo-espíritu también puede leerse como subjetividad(es)-lectura de mundo y naturaleza-cultura. Cuando se vive la experiencia de un mundo pandémico se cambia la existencia de este sujeto y ello se debe a los numerosos factores que este nuevo tiempo exige. Cada sujeto construye su paisaje según lo que vive. En este trabajo se desarrolló una producción audiovisual que se llevó como contexto lo que los alumnos vieron en sus barrios, es decir, lo que vieron en su entorno durante la pandemia y la carga que estos paisajes tenían como respuesta de sus percepciones con la fórmula musical "el viento me confió cosas que siempre llevo conmigo", frase de la cantante argentina Liliana Herrero.

PALABRAS-CLAVE: Paisaje; Poesía; Texto; Subjetividad; Pandemia.

Introdução

Sobre a ideia da filosofia e poética da paisagem, o poeta francês Michel Collot postula a ampliação do conceito de natureza e de paisagem a partir de uma nova narrativa e uma nova perspectiva àquilo que se encontra através das experiências sensoriais e afirma que “o pensamento-paisagem é um pensamento partilhado, do qual participam o homem e as coisas” (COLLOT, 2013, p.29).

No que diz respeito ao que se entende como paisagem e natureza, esta ideia ainda é difundida pelo senso comum como aquilo que é bonito e agradável aos olhos, ignorando o fato de outras experiências sensoriais estarem vinculadas ao que é paisagem. Com esta redução de significado, o que é descartado deste padrão paisagístico é considerado inapropriado para a cidade, para o lugar.

Com o objetivo de ampliar esta ideia, Collot novamente diz que o resultado deste processo de ressignificação da natureza é trazer a paisagem como pensamento e, sendo ela pensamento, passa a ser narrativa, ou seja, poética. O pensamento-paisagem constrói uma nova poética. O mesmo diz:

A experiência da paisagem, revelando a secreta continuidade que une o mundo ao corpo e o corpo ao espírito, convida-nos a redefinir as relações entre natureza e cultura. Essa experiência resulta de uma interação entre o corpo, o espírito e o mundo, e se inscreve no prolongamento das trocas que nosso organismo mantém com o meio natural (COLLOT, 2013, p. 40).

A crise da paisagem é a crise da natureza, é a crise da literatura, da filosofia e da nova poética sobre o mundo e as pessoas. Os séculos XX e XXI apresentam estas crises: duas guerras mundiais, novas doenças, a pandemia do novo Coronavírus, a desvalorização do poeta, da escrita e da leitura e o surgimento das redes sociais. Este novo mundo exige um novo sujeito que exige antigas respostas e formas antigas de se pensar na paisagem e na natureza. Este mundo não tão passado colocou em xeque o que se busca com a subjetividade e a alteridade de cada ser. Segundo Collot (2013), existe um “materialismo da letra”, no qual está a “poética a serviço da expressão do sentimento pessoal ou da celebração do Ser” (p.182), ou seja, não se valoriza a subjetividade do ser, mas faz-se dela um grande espetáculo para a alteridade de outrem.

A experiência de uma nova poética da paisagem permite ao sujeito experimentar uma nova relação com seu corpo e suas projeções. Sem essa perspectiva, a paisagem é

um outro que não possui relações com o sujeito. Com a perspectiva que Collot insere, o sujeito não é mais alheio ao que está ao seu redor, mas também se integra a ele, faz parte do que está a seu redor. A natureza passa a compor a sua subjetividade.

É importante salientar que a paisagem é dependente de um sujeito, ou seja, a paisagem é assistida por um sujeito que interage através de seu olhar, mas nesta relação imagética a própria paisagem devolve ao sujeito um olhar – explosivo, terno, duro – que evoca experiências sensoriais.

É nítida a relação que Michel Collot possui com o filósofo francês Merleau-Ponty. O pensador escreveu “Fenomenologia da Percepção” (1999) e neste livro as questões da paisagem (o que meu corpo encontra para além de mim) são postas segundo a ideia da percepção. Para Merleau (1999, p.25), as questões da sensação “são mais confusas que se pensa”. E, neste momento, adicionamos a ideia da sensação atrelada ao sujeito que percebe e se percebe neste lugar confuso que é a paisagem. O próprio Merleau diz:

Eu poderia entender por sensação, primeiramente, a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo. O cinza dos olhos fechados que me envolve sem distância, os sons do cochilo que vibram “em minha cabeça” indicariam aquilo que pode ser o puro sentir. Eu sentirei na exata medida em que coincido com o sentido, em que ele deixa de estar situado no mundo objetivo e em que não me significa nada. O que é admitir que deveríamos procurar a sensação aquém de qualquer conteúdo qualificado, já que o vermelho e o verde, para se distinguirem um do outro como duas cores, precisam estar diante de mim, mesmo sem localização precisa, e deixam, portanto, de ser eu mesmo. A sensação pura será a experiência de um “choque” indiferenciado, instantâneo e pontual. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.25)

E com esta afirmação de Merleau, Collot também considera que a paisagem faz parte de um sujeito perceptivo, que está em mútua relação com sua própria subjetividade-alteridade. Ele mesmo afirma que “não está diante de um espetáculo exterior, mas imerso em um meio ambiente no qual está, num sentido próprio, interessado por uma série de “affordances”: o termo, intraduzível, designa os recursos que certos objetos lhe oferecem e que dão sentido e valor ao visível” (COLLOT, 2003, p.20).

O que se buscou neste presente trabalho foi explorar o limite da conceituação dualizada que os alunos têm por paisagem e, sabendo disto, procurou-se expandir o conceito para algo que fuja dessa dicotomia, mas que interpela à ideia de construção-sujeito-paisagem.

A filosofia da paisagem pandêmica

Quando a proposta foi lançada para os alunos, cada um procurou entender o que buscavam em suas subjetividades pelo que entendiam por paisagem. Trago um relato de uma aluna que explicita a ideia dualizada da paisagem estar relacionada ao conceito de natureza. Ela dizia que “seria impossível fazer um trabalho sobre paisagem estando em quarentena e com as pessoas em isolamento social”. Collot (2013) falou sobre essa dicotomia ao afirmar que “por muito tempo, o local foi considerado como um modelo que a arte devia imitar” (p.17) e Merleau-Ponty (1999) diz que “o pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção” (p. 279).

Depois de conversarmos sobre esta ideia, trouxemos um pouco sobre a ressignificação que Collot dá à ideia de paisagem-natureza e os alunos ficaram mais confortáveis com a possibilidade de que tudo o que é perceptível às nossas experiências e existências seja paisagem, como Balzac disse “a paisagem tem ideias e faz pensar”. Para além disso, surgiram algumas perguntas como: o que é paisagem? Pode um monte de lixo ser uma paisagem? Por que toda vez que um livro didático apresenta uma imagem da natureza ela sempre é bem verdinha e bem limpa?

Em seguida, escutou-se a música da cantora Liliana Herrero, pois o que compôs esta produção audiovisual também foi, a partir da compreensão que a paisagem é uma experiência sensorial, receber através do sussurro e da música uma paisagem repleta de novas descobertas.

Com esta possibilidade de transitar pela paisagem e pela música, o que se fez então foi registrar sensorialmente a recepção desta (re)conceituação com os alunos. Entendendo isto, o próximo passo do trabalho era registrar em quinze segundos o sussurro com uma frase da música, registrar em quinze segundos o seu bairro, sua vizinhança, tudo aquilo que estava ao seu redor e registrar os corpos que transitaram neste lugar em um tempo pandêmico. Segundo Merleau-Ponty

A espacialidade do corpo é o desdobramento de seu ser de corpo, a maneira pela qual ele se realiza como corpo. Ao procurar analisá-la, apenas antecipamos aquilo que temos a dizer da síntese corporal em geral. Reencontramos na unidade do corpo a estrutura de implicação que já descrevemos a propósito do espaço (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 206).

Ou seja, o que Merleau-Ponty quis dizer é que faz parte da paisagem os corpos.

Cada pessoa que passa pelos locais nos quais os alunos fazem seus registros compõem inteiramente esta natureza, ora vazia, ora aglomerada, mas efêmera segundo a natureza do próprio sujeito.

É importante salientar que, pelo fato de os alunos serem de regiões distintas do estado do Rio de Janeiro, os registros visuais foram enriquecedores para este trabalho, pois no material audiovisual encontra-se as mais variadas formas de paisagem: o escuro da noite e a roda gigante iluminada ao fundo, a janela do apartamento com grades de proteção e o Sol, a ciclista pedalando isolada em uma estrada de barro, a avenida principal com vendedores de águas e ônibus superlotados em uma pandemia e o céu entre nuvens de um entardecer com o revoar de urubus e bambuzais balançando-se pela força do vento.

Quando estes registros chegaram, percebeu-se que, de fato, os alunos haviam entendido a complexidade e a amplitude do conceito, pois os registros conversam muito com a compreensão de Collot sobre a paisagem. O que se pôde fazer foi reescrever a poética da experiência, ou seja, aquilo que estes alunos encontraram de acordo com seus sentidos. Foi o que ele mesmo afirmou ao dizer que:

Uma vez que levamos a sério a percepção da paisagem, como me proponho a fazer, somos levados a nos libertar do dualismo arraigado do pensamento ocidental, a ultrapassar um certo número de oposições que o estruturam, como as do sentido e do sensível, do visível e do invisível, do sujeito e do objeto, do pensamento e da matéria, do espírito e do corpo, da natureza e da cultura. Entre esses termos que nossa tradição filosófica opõe ou subordina um ao outro, a paisagem instaura uma interação que nos convida a pensar de outro modo (COLLOT, 2013, p. 18).

De acordo com Collot, repensar a paisagem significa repensar o modo de pensá-la, ou seja, repensar a filosofia do *topos* e repensar também o ego. Como escrever uma nova narrativa segundo a percepção se o *modus operandi* em relação ao lugar é o mesmo? Então, só é possível repensar outra poética da paisagem se repensarmos o sujeito e a(s) subjetividade(s). Para Merleau-Ponty,

Um romance, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, quer dizer, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por um contato direto, e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial (...) é a partir do fundo de sua subjetividade que cada um projeta este mundo “único”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.209; 478)

Isso diz que a subjetividade está a todo tempo sendo negociada com as nossas

experiências, com o nosso meio e com a nossa história única que constrói um mundo “único”. Quando conseguimos entender que este processo é de “entre” e nunca de fim, entendemos a poética da paisagem e entendemos a filosofia como caminhos nos quais são mais importantes os meios do que os fatores.

A tecnologia como ferramenta pedagógica

Um dos desafios que a pandemia do novo Coronavírus apresentou foi a questão da manutenção da comunicação e da realização de projetos por via remota e, seguramente, a tecnologia tem sido o suporte máximo para que o ensino aconteça de forma remota. Muitos aplicativos foram criados, outras ferramentas foram redescobertas tanto em âmbito pessoal como sites de relacionamento, jogos online, aplicativos de culinária, quanto em âmbito profissional com, por exemplo, as ferramentas que foram utilizadas para manter a comunicação de empresas, instituições públicas, universidades, escolas, como o *Meet*, *Zoom*, *Duo*. Assim as instituições foram adaptando-se a este novo modelo de sociedade que enfrenta de modo exacerbado o COVID-19. Além destas ferramentas que são mais específicas, outras foram utilizadas para o controle de atividades remotas produzidas por professores e alunos que, neste caso, foi o *Classroom*.

É certo afirmar que toda pandemia requer cuidados redobrados e que, muitas vezes, o isolamento social gera um cansaço excessivo em quem atua por *home office*, mas podemos também assegurar que nesta pandemia fomos aprendendo a manusear estas ferramentas e a criar um contato mais afetuoso com o meio virtual.

A discussão do uso da tecnologia como uma ferramenta pedagógica vem sendo feita ao longo dos anos, desde o surgimento das TICs até o investimento necessário para que as escolas pudessem ocupar-se desta acessibilidade aos alunos com pouco acesso ao celular e internet, respectivamente. Conforme Kenski,

[...] as tecnologias invadem as nossas vidas, ampliam a nossa memória, garantem novas possibilidades de bem-estar e fragilizam as capacidades naturais do ser humano. Somos muito diferentes dos nossos antepassados e nos acostumamos com alguns confortos tecnológicos – água encanada, luz elétrica, fogão, sapatos, telefone– que nem podemos imaginar como seria viver sem eles. (KENSKI, 2007, p. 19)

A tecnologia pode ser uma aliada ao ensino-aprendizagem, porém, mais que isso, ela precisa ser encarada como uma ferramenta didática poderosa, capaz de ser auxiliar,

mas podendo ser também protagonista no processo do aprendizado. Para Kenski (2007), a tecnologia possibilitou uma prática maior do conhecimento, pois usufrui do avanço tecnológico para desencadear novas formas de produção, inclusive, produção didática, pedagógica e acadêmica. Ainda sobre a tecnologia, Bueno a conceitua como

[...] um processo contínuo através do qual a humanidade molda, modifica e gera a sua qualidade de vida. Há uma constante necessidade do ser humano de criar, a sua capacidade de interagir com a natureza, produzindo instrumentos desde os mais primitivos até os mais modernos, utilizando-se de um conhecimento científico para aplicar a técnica e modificar, melhorar, aprimorar os produtos oriundos do processo de interação deste com a natureza e com os demais seres humanos. (BUENO, 1999, p.87).

O aplicativo que foi utilizado para a junção dos vídeos chama-se *ClipChamp* e é utilizado para a edição de vídeos, transposição de áudios em vídeos, recorte de cenas e áudios e assim foi-se construindo o produto final deste trabalho, que trata sobre as nossas percepções, desconstruções e ressignificações do que vem a ser a poética e a filosofia da paisagem.

O vídeo ou o recurso audiovisual é uma ferramenta demasiadamente plural, pois consegue, de forma ampla, comunicar, ensinar, descrever, e outras possibilidades que surgem como uma multicomunicação digital. O vídeo para Moran possui um valor

sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário) em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial-cinética, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional. (MORAN, 1993, p.2).

A tecnologia nem sempre foi muito incentivada no meio do ensino e, muitas vezes, foi atacada por construírem um discurso de que é uma grande vilã da educação. Aos poucos, com a política das TICs, com as discussões sobre pesquisas educativas na internet foi sendo possível introduzir o celular, o computador, o notebook e outros de forma pedagógica.

Não seria possível a manutenção das instituições e do ensino no ano de 2020 sem as ferramentas tecnológicas e, nesta perspectiva, a produção audiovisual dos alunos so-

mente foi possível devido a este resgate de alguns aplicativos que fariam esta função de unir os vários vídeos e fomentá-los em um só.

Metodologia

O presente trabalho foi aplicado durante o mês de agosto do ano de 2020 para os alunos que estavam cursando o nível I do curso de Espanhol do Curso de Línguas Aberto à Comunidade (CLAC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A proposta foi aplicada para a turma do monitor Matheus Sena de Azevedo, um dos autores deste artigo, gerando um total de dez aprendizes participantes da produção.

Nesse nível, o modo de organização do texto a ser trabalhado em sala de aula é a descrição. Nas atividades síncronas e assíncronas, o monitor dá ênfase à descrição de espaços, pessoas, lugares turísticos, aspectos físicos e aspectos de personalidade.

A produção foi dividida em partes: i) a escolha da música e do suporte para tal produção; ii) o estabelecimento dos prazos para a entregas das produções; iii) o envio das produções audiovisuais e iv) e o fomento da edição e criação do produto final – um único vídeo.

Na primeira parte do trabalho, os alunos escutaram algumas músicas de países de língua espanhola e escolheram unanimemente a música *Confesión del viento*, da cantora argentina Liliana Herrero. Além desta escolha, discutiram qual ferramenta seria melhor para executar tal edição e o *ClipChamp* foi o que respondeu melhor as nossas expectativas. Na segunda parte da produção, estabeleceu-se um prazo para a entrega das produções, que foi por volta de um mês. Na terceira parte do trabalho, eles enviaram o que haviam produzido. Cinco alunos enviaram frases da música de forma sussurrada e outros cinco alunos enviaram vídeos de seus bairros. Na quarta e última parte da produção, foi feita a junção dos vídeos com os áudios e foi produzido um único vídeo que ilustrava a reflexão sobre a filosofia e a poética da paisagem.

Considerações Finais

Neste estudo, tivemos como objetivo avaliar o conceito que os alunos tinham sobre o que é a paisagem, o que é a natureza e o que é texto, a partir de uma proposta que visava ampliar essas pré-conceituações. Pretendíamos também, seguindo esta ampliação, desenvolver um trabalho de produção audiovisual o qual se desenvolvia sob a atuação da

intervenção da(s) subjetividade(s) ao meio (paisagem e natureza).

Para tanto, no curso de Espanhol, no primeiro nível, os alunos aprendem vocabulários que possuem ligação com a natureza e a paisagem, através da tipologia textual descrição, já que cada aluno precisa descrever espaços e paisagens na língua estrangeira.

Os resultados indicaram que os alunos compreenderam a resignificação de tais conceitos e, com tal ampliação, observou-se uma melhor relação às experiências sensoriais com tais paisagens.

Por fim, concluímos que os vídeos foram manifestação real desta compreensão, visto que os alunos registraram espaços que seriam pouco prováveis de serem registrados sem tal resignificação como a sala da própria casa, os ônibus em um dia ensolarado e o próprio corpo como natureza, visto que o corpo e natureza são parte única segundo Collot.

Referências Bibliográficas

BALZAC, H. Ursule Mirouët. In: **A comédia humana**. França: Bibliothèque de la Pléiade, 1935.

BUENO, N. de L. O desafio da formação do educador para o ensino fundamental no contexto da educação tecnológica. 1999. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba.

COLLOT, M. **Poética e Filosofia da Paisagem**. Tradução Ida Alves. 1. ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

HERRERO, L. **Confesión del Viento**. In: Confesión del viento. Argentina: EPSA Music S. A., 2003.

KENSKI, V. M. Educação e tecnologias. In: **O novo ritmo da informação**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAN, J. M. **Leituras dos meios de comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993.